

Práticas, memória e saberes de um parteiro de Salgadinho (1996 a 2009)

Autor: Ivo Fernandes.*

Artigo:

O presente trabalho visa por meio da pesquisa em fontes orais baseado na narrativa de vida analisar os aspectos relacionados à atuação de um homem como parteiro no município de Salgadinho. Percebendo que a arte de partejar é um ofício tipicamente desenvolvido por mulheres iremos entender o que foi que fez seu Daniel¹ quebrar com esse aspecto do exercício do ofício, descobrir seus saberes, seus usos por meio de suas memórias de um tempo difícil e trazer fatos de sua vida cotidiana.

Palavras-chaves: Daniel, parteiro e práticas.

01. Aspectos sociais, econômicos e demográficos de Salgadinho

O município de Salgadinho ocupa uma área de 184. 239 Km² e está localizada a 246 Km, da capital paraibana, João Pessoa. O território do município fica situado entre o cariri e o sertão paraibano. Geograficamente, o município faz divisa ao norte com os municípios de Santa Luzia e Junco do Seridó, ao sul com Taperoá, ao leste com Assunção, e ao oeste com Areia de Baraúnas².

Não podemos afirmar com certeza a datação exata das primeiras residências que foram estabelecidas no município, mas, segundo as fontes e trabalhos ainda que poucos sobre a região de Salgadinho, segundo o historiador Josinaldo Gomes³ as primeiras residências foram construídas onde hoje é localizada a sede do município datam da década de 1920 e foram construídas por um grande proprietário de terras local, conhecido como Domingos Pascoal, sendo o mesmo segundo as narrativas locais o fundador do município.

Nos anos de 1940, o transporte em caminhões foi se generalizando, e gradativamente substituindo o transporte em lombo de animais, dessa forma o distrito de Salgadinho tornou-se uma parada predileta dos choferes, principalmente os caminhoneiros, que transportavam algodão e oiticica para a cidade de Campina Grande e de lá traziam outros produtos para abastecer o comércio sertanejo. Entre as décadas de

40 e 50 o distrito de Salgadinho já apresentava uma movimentação razoável de pessoas, sendo uma das principais paradas para os caminhões que faziam o deslocamento entre

as cidades de Patos e Campina Grande. Durante a década de 50 o povoado de Salgadinho, passou a ser uma das rotas do trem de ferro.

Já no início da década de 1960 segundo pesquisas do historiador já mencionado alguns fazendeiros que também eram representantes políticos da região lideraram um movimento de emancipação do até então distrito de Salgadinho a categoria de município, os fazendeiros/políticos responsáveis por esse movimento foram: Cícero José Maciel, José Morais da Silva, José Bezerra de Maria, Pedro Leite da Nóbrega, Joaquim Marcolino Guimarães e Felizardo Trindade de Figueiredo.

A emancipação política de Salgadinho ocorreu em 1961 através da Lei n° 2.676 de 22 de dezembro de 1961, sancionada pelo então governador do Estado da Paraíba Pedro Gondim. Salgadinho que até então era considerado um distrito do município de Patos passou a ser município. O primeiro prefeito do “jovem” município foi Cícero Alves.

Salgadinho possui um clima predominantemente quente e seco e está inserido no Polígono das secas. O município faz parte do semiárido nordestino, onde os elementos climáticos são irregulares com má distribuição da chuva. O período chuvoso vai de março a maio, com a ocorrência de 80% das precipitações nesse período, com estiagem nos demais meses do ano. Esse aspecto permitir que chuvas escassas se tornem aspecto regular na vida dos habitantes, que povoam, principalmente, o campo, a economia da região girava em torno da agricultura e da pecuária de subsistência, e também a extração caulim e turmalina em São José da Batalha. A estrutura fundiária da região era formada basicamente pelos pequenos agricultores pobres, mineiros que atuavam nas extrações ilegais de minério tendo o seu trabalho explorado pelos donos de minas de caulim e turmalinas, que residiam em suas pequenas propriedades, geralmente fruto de heranças, e aos grandes proprietários que geralmente dividiam a terra com os trabalhadores que não tinham.

Na época em estudo ele estava sobre o governo de Damião Balduino, vindo da família Mineral, sendo ele irmão do deputado Antônio Mineral que fez a transição para

a primeira mulher eleita em Salgadinho Débora Cristiane que é esposa de Luciano Morais filho de Djalma Morais que foi o primeiro prefeito de Salgadinho.

02. Ele foi uma excessão.

O ofício de partejar trata-se de uma arte milenar presente em várias culturas, na bíblia esse ofício já é mencionado na passagem dos hebreus pelo Egito e nesse trecho percebemos a importância que elas tinham na época, pois no Êxodo 1: 15 - 17, elas tinham a confiança do faraó. No Brasil esse ofício foi descrito pelos cronistas vindos da Europa entre os indígenas, pois esses povos não gozando de métodos de higiene e saúde, realizam o parto de forma rude fato que escandalizou esses intelectuais, o modo do pai cortar o cordão umbilical com os dentes, ainda no Brasil com a introdução da cultura européia já no período de expansão colonial devido à falta de médicos, foram às mãos das parteiras que colocaram no mundo inúmeros filhos de senhores de engenho nas casas-grandes, negros nas senzalas e índios nas ocas ou nas matas⁴, em vários locais suas tesouras cortaram inúmeros cordões umbilicais separando mãe e filho, seus braços foram os primeiros a envolver os recém-nascidos, várias mulheres que se dedicaram a esse ofício viram morrer em suas mãos mulheres e crianças isso devido à falta de médicos e políticas de atendimento a mulher tanto antes, como durante e também depois do parto.

Em Salgadinho por ser um município de interior do sertão as parteiras foram sempre atuantes lutando pela vida de várias mulheres e crianças, mesmo muitas delas sendo analfabetas não sabendo nada além de assinarem seu próprio nome, desempenharam um grande papel na sociedade local por meio de seus saberes; em seus rostos as marcas do tempo em suas mãos faltam dedos para contarem os inúmeros filhos que elas colocaram no mundo. Sobre a importância dessas parteiras temos o testemunho da senhora Iracema Pereira que teve três filhos em casa quando perguntada e se não fosse à atuação das parteiras em sua época ela diz: “*Oxente* tinha morrido *né cumpade*”⁵(Santos, 2016), e da senhora Esmeraldina de Souza que teve seis filhos em casa com a parteira Maria Tereza que nos diz que se não fosse a parteira que a atendeu ela:

Ia para Campina Grande em cima de um pau-de-arara deitada num colchão quase morta para os médicos fazer a dinheiro, *era* trezentos, trezentos reais ou duzentos que o médico fazia e a parteira fazia por cem reais mais era a minha mãe e eu não pagava nada⁶.

Em Salgadinho elas são conhecidas por nomes por meio do qual percebemos a afetividade que envolvia a relação entre parteira, parturiente e nascituro, ela era chamada pela criança de mães de umbigo, e pela mulher que deu a luz a chamava de comadre, várias são as crianças que tem como madrinha de batismo na igreja a parteira que atendeu a sua mãe na ocasião do seu nascimento, pois essa era uma forma de gratidão das mulheres para com sua parteira, já que ter afilhados no Nordeste era sinal de prestígio social. Percebemos que em um meio com inúmeras dificuldades essas mulheres buscaram traçar suas táticas e saberes e por meio desses transformar o meio que estava contra elas ao seu favor. Mas percebe até agora estamos falando como se o ofício de partejar fosse uma tarefa exclusivamente feminina, estamos falando delas, eis que aqui surge um a pergunta foi esse ofício exclusivo das mulheres? Algum homem atuou também nessa área? O que o levou a desempenhar esse tipo de função? Como toda regra tem a sua exceção encontramos em Salgadinho ainda nos anos dois mil um parteiro por nome de Daniel que fez na média de dezoito partos, homem esse que nos chama a atenção e iremos por meio desse trabalho tentar entender o que foi que levou esse homem a atuar em uma área que na época era de domínio exclusivo feminino.

03. Nascimento de um homem

O senhor Daniel Araújo Severiano nasceu em trinta de abril no ano de mil novecentos e sessenta e nove no mesmo município em estudo, foi criado pelos pais na agricultura familiar atividade voltada para o consumo local e o seu excedente era comercializado em feiras nas cidades vizinhas como Assunção, Taperoá e Juazeirinho, homem analfabeto como a maioria da população de sua época, Salgadinho ainda hoje está na lista dos municípios com o maior índice de analfabetos do Brasil⁶, casou-se em 1994, com a senhora Damiana Venceslau Tomás, ele reside no sítio Bonfim da Batalha com sua esposa e os seus doze filhos, homem de vida difícil lutou muito para criar seus filhos com a pouca instrução escolar que tem não o impediu de colocar no mundo quatorze salgadinhenses, já que dois partos feitos por ele foram abortos, ele vive hoje entre a mineração e agricultura a sua esposa está entre as beneficiárias do programa bolsa família, foi um dos personagens que mais nos encantou ao recuperarmos por meio de relato oral sua história de vida para um trabalho acadêmico, pois até encontrá-lo só tínhamos entrevistado mulheres e o fato dele quebrar com essa dominação feminina

sobre o ofício de partejar em salgadinho me chamou muita atenção, e, é o cotidiano e são as táticas encontradas por esse homem que irão nos interessar para o estudo.

04. Batismo de sangue: como tudo começou

Segundo o nosso memorialista ele recebeu o ofício de parteiro por tradição familiar, ele é neto de uma parteira muito conhecida em Salgadinho por nome de Maria Tomás que morava na vizinha cidade de Estaca Zero atual Assunção, e foi ela que segundo ele durante um parto que ela fazia chamou Daniel para assistir com ela e foi indicando a ele como era feito um parto de uma criança, o tempo passou, ele se casou e finalmente chegou o momento de por em prática o que aprendeu com sua avó, como destacamos o ofício de partejar era uma tarefa exclusivamente feminina, e quando sua esposa entrou em trabalho de parto já não tinha nem uma parteira por perto ele mandou chamar a sua mãe que morava em Lagoa de Onça comunidade muito distante do Bonfim e devido essa distância ele mesmo fez o parto de sua mulher, foi verdadeiramente um batismo de sangue, sobre esse primeiro parto feito por ele nosso memorialista nos fala que:

Pronto ai ela *adoeceu* e eu disse: E agora. Desse que passou com vinte anos. Ai eu fui e acabar mandei chamar a minha mãe, mais veja a distancia (apontando) Lagoa de Onça perto de Taperoá, ai eu disse: Não vai dar tempo não! Ai eu disse: Rapaz é o jeito só ficar nós dois aqui, ai nisso fechei a porta da frente (apontando) e fui para o quarto mais ela, pronto ela foi e teve o menino, eu fui cortei o umbigo, que agente chama hoje de cordão umbilical, fui cortei, ai tratei do resguardo dela, pronto e hoje esta um *cabra* com vinte anos.

Por meio do trecho à cima, percebemos que mesmo dispondo de poucos recursos no meio esse homem se utilizou da tática desse saber familiar para contornar a dificuldade com a qual se encontrava da falta de transporte que deslocasse sua mulher para Campina Grande ou Juazeirinho e também uma parteira que atendesse a sua mulher naquele momento, ele em um ato de amor e coragem fez o primeiro parto e a partir desse parto inicio-se nesse ofício.

05. Deus e Nossa Senhora do Bom Parto rogai por nós!

A hora do parto entre aqueles que se dedicavam a esse ofício era considerado um momento de transição, pois de acordo com o pensamento popular o pequeno que estava para nascer, tinha que fazer uma passagem do meio espiritual para o meio material e qualquer problema nessa passagem poderia ocasionar a perda do tão

esperado filho, era embasado com esse pensamento que o momento do parto foi transformando também em um culto, em um momento de aproximação com o sagrado, tornou-se uma prática contínua durante o parto a presença de constantes intercessões feitas as santas auxiliares das grávidas sobre essa prática temos o relato que “Preces endereçadas a São Mamede, São Francisco e Santa Margarida eram murmuradas, baixinho, a fim de afugentar qualquer perigo que pusesse em risco a vida do nascituro” (PRIORE, 2010, p. 86), embora o trecho foque a preocupação com a criança, estava também nessas orações feitas pelas parteiras a preocupação com a vida da mulher em trabalho de parto aqui no Brasil essa preocupação também com a mulher em trabalho de parto é descrita por Gilberto Freire em seu livro *Casa Grande & Senzala* quando ele escreve:

O hábito de cingirem-se, quando aperreadas pelas dores do parto, como cordão de São Francisco; o de fazerem promessas à Nossa Senhora do Ó, da Conceição, das Dores, no sentido de um parto menos dolorosos ou de um filho são e bonito⁷.

Quando perguntado acerca de sua devoção durante os partos feitos por ele, o senhor Daniel nos diz que:

Não assim agente ficava só na gente e pedia e rezava para que saísse tudo bem, agente você sabe como é que é, que numa hora dessas é muito sufoco nas coisas, pode até morrer, mais só que graças a Deus nunca aconteceu de morrer ninguém, assim os que nasceram em tempo *né*.

Pelo relato de nosso memorialista percebemos que não só o ofício, mas também a devoção e as práticas ele aprendeu com sua avó parteira e colocou em prática durante a sua atuação como parteiro. Ele não nos dá detalhes de como era essa oração. Entendemos aqui o parto por dois tipos de aspectos, primeiro pelos aspectos materiais por meios dos usos de chás e bebidas e segundo por aspectos espirituais na relação com o divino.

06. Usos e abusos no pós-parto:

Além de constantes orações feitas pelas parteiras pelas mulheres, fazia parte do cotidiano das parteiras tradicionais alguns usos que nasceram desse saber-fazer com o qual estava envolvido o ofício como o uso também de bebidas como chás e garrafadas, aqui em salgadinho esse uso era feito segundo nossos entrevistados sempre depois do parto, para segundo eles limpar a mulher. Sobre essa prática aqui em Salgadinho temos

o testemunho de dona Iracema Olindina que teve quinze filhos todos em casa, ela nos passa a receita de um chá dado a ela por uma parteira, pois ela tinha acabado de perder uma filha e entrou em trabalho de parto onde teve gêmeos ela nos diz:

primeiro ela fez um rescaldo de cinza que pra eu *tumar* que disse que foi porque eu tinha me *aperriado* porque a menina tinha morrido eu tava com sete mês dos três, ai ela fez um rescaldo de cinza quente quando tava bem *sentadim* ela me deu pra eu *tumar*, e quando *cumade* Juvina chegou aqui que eu vi que era pra nascer menino mesmo ai eu tomei um chá de *oi* de *cajuero* pronto⁸.

Como observamos pela descrição de dona Iracema Olindina foi feito uso de duas bebidas uma antes do parto, pois segundo a crença dessa parteira a preocupação que dona Iracema teve pela perda de sua filha poderia dificultar o seu outro parto e essa segunda bebida o chá de cajueiro é um conhecido cicatrizante segundo a medicina popular ainda em uso hoje tanto suas cascas em garrafadas como seus brotos chamados popularmente de *ois* em chás, nos revela um dos usos que geralmente variava de parteira para parteira.

Em se tratando de uso do cotidiano de nosso memorialista temos e relato dele de uma garrafada que ele deu a sua esposa depois do parto feita por ele que continha “cana, alho e *cumim* e João mole *butava*.”, esse último que ele chama de João mole trata-se de uma erva também muito presente na medicina tradicional, usada para curar ferimentos.

07. Pós-parto: a mulher, a criança, e o pai.

No pós-parto era o momento de intenso convívio familiar, segundo a tradição local a mulher entrava em um período de três meses de repouso e dedicação exclusivamente a criança, logo após o nascimento vinha o que o sertanejo conhece popularmente por resguardo, dona Esmeraldina nos diz que:

Esse resguardo era quinze dias, com quinze dias tomava um banho morno e com mais quinze dias tomava o banho frio e trinta dias o resguardo e não é para sair de dentro do quarto⁹.

De acordo com as pesquisas esse período era necessário para a mulher se recuperar, pois no parto ela se utiliza muito de suas forças físicas ficando segundo o saber popular fraca, e esse período de resguardo era para a recuperação da mulher, e como a mentalidade sertaneja é cheia de crenças populares esse momento é marcado por

vários aspectos de manifestações dessas práticas. Segundo o pensamento a mulher não podia sair do quarto, sendo assim sua alimentação era feita ali mesmo, esse período se torna interessante para o estudo, pois no caso de Daniel nesse período os papéis de macho e fêmea se invertiam era ele que tinha que se dividir entre o trabalho na agricultura e mineração e as atividades domésticas; segundo o relato de nosso memorialista quando perguntado sobre o que a mulher não podia fazer ele nos diz: “pegar peso, com cinco dias ela se sentava, se sentava na cama já, pirão eu mesmo era que batia *esses pirão* até as roupas dela eu lavava” (SEVERIANO, 2016), sobre a sua atuação dentro do lar ele fala:

Era, (apontando) aqui eu trabalhava numa *firma* aqui quando dava certas horas eu já corria em procura de casa, pronto já vinha almoçar em casa já e quando chegava aqui era ajeitando as coisas para voltar para o serviço era um sufoco porque era tudo pequeno os menino não tinha quem cuidasse já passei sufoco na minha vida mais graças a Deus estou vivo contando ainda a história.

Percebe-se aqui um contraponto a imagem do homem sertanejo e machista que permeia o imaginário, e aparece um homem dócil preocupado com a saúde da mulher e de seu filho voltado ao convívio familiar, exercendo atividades que antes estava reservada a mulher, ele agora ocupa o espaço dela que antes estava restrito a ela, e desempenha suas funções lava roupas, cozinha, cuida da limpeza da casa, tem a experiência que toda mulher que trabalha tem de uma jornada dupla de trabalho.

O resguardo era marcado pela proibição da mulher de exercer suas funções dentro do lar, não só nos seus afazeres doméstico como também nos seu relacionamento conjugal e visava poupar a mulher, pois ao usar suas forças físicas ela quebraria o resguardo, de acordo com o relato o resguardo era o período em que a mulher não podia “Transar, lavar roupa, carregar peso, só comia carne de galinha não comia carne de gado, sopa de arroz essas coisas” (NOBREGA, 2016)¹⁰.

Mas caso a mulher por algum acaso quebrasse esse resguardo, na medicina tradicional nordestina tem um remédio para cada mal, caso isso ocorresse parteira “*butava* pimenta, água, *butava* os pés da mulher dentro d’água e dava um chá de pimenta ou café de pimenta ou então aguardente com pimenta” (NOBREGA, 2016).

No relacionamento com o nascituro não era diferente, esses primeiros meses de vida era marcado pelo medo dos pais de perder o mais novo integrante da família, aqui vida e morte andam juntas e pensando nisso era prática comum as mães fazerem

promessas antes dos filhos nascerem de deixar o cabelo crescer até certa idade, caso saísse tudo bem com ela com a criança, era comum colocar na criança o nome de santa ou de santo, entregar para ser padre ou em caso de menina freira, todo esse relacionamento com o sagrado visa não só proteger a mulher e a criança mais garantir que os nascituros crescessem fortes e saudáveis.

O maior cuidado a mãe tinha com a criança era como a “tripa do umbigo” como era chamado popularmente o cordão umbilical, os primeiros cuidados dessa parte do corpo da criança era dado logo após nascer pela “mãe de umbigo” aquele que cortava o cordão umbilical por ocasião do nascimento tinha também que cuidar da cicatrização desse sabendo que tinha todo o cuidado de cortar na medida certa e amarrar, de acordo com nosso principal memorialista:

o cordão umbilical é agarrado no parto ai agente meche com o cordão umbilical se o parto for vivo ele incha faz mesmo assim o (apontando para o umbigo dele) ele lateja, porque você sabe de dentro para fora é o umbigo, bem grande e isso vai para o parto, quando ficava boa era só medir três dedos, quando acabar amarrava bem amarrado e agente que era parteiro em sitio amarrava com um cordão forte, ai depois de amarrado contava mais três dedos ai cortava.

Percebemos aqui as práticas utilizadas por esse homem, que não dispendo de instrumento cirúrgico adequado, se utiliza de uma tesoura e um cordão caseiro demonstrando com isso sua astúcia, seu saber e sua capacidade de contornar as dificuldades do meio que o cerca.

Após o corte o cuidado era com a cicatrização do umbigo processo esse que era acelerado por meio da colocação de várias substâncias na região do umbigo da criança que segundo o pensamento servia para a cicatrização dessa região fato observado por Gilberto Freyre quando ele escreve que tinha o “costume de lhe porem em cima pimenta, e fomental-o com óleo de rícino”¹¹ prática essa que ultrapassou os tempos e mesmo hoje as mulheres ainda fazem uso desse saber tradicional, quando perguntado sobre seus usos no processo de cicatrização dos umbigos de seus filhos Daniel Severiano nos diz passo a passo como ela fazia:

Agente acendia uma luz dessas luz de gás, quando acabar amornava o azeite ai passava no pé do umbigo e o óleo de rícino, da mamona que chama que é o óleo cru diferente do azeite que é feito do *caroço* cru pegava aquele ali e dava um pouquinho na colher que era para o menino se limpar aquele azeite limpava o menino pronto era assim que agente fazia era três dias para cair o *imbigo* num *estantezim* caia

Mas não era só a cicatrização do umbigo logo após essa vinha o maior cuidado que os pais deveriam ter, pois logo após essa cicatrização e secagem vinha queda da “tripa do umbigo” e segundo a mentalidade o futuro da criança poderia ser comprometido caso essa parte do corpo da criança não recebesse o devido cuidado manifestado pela escolha do local do seu enterramento adequado para evitar ser consumido por animais, pois caso isso acontecesse, se fosse um rato que levasse o umbigo o filho seria um ladrão, se fosse o umbigo comido por cachorro ele se tronaria um comilão, o próprio local do enterramento definia o futuro de filho, era comum enterrar perto de casa que não queria que os filhos viajassem para longe, enterrava no curral que queria ter um filho fazendeiro, sendo assim temos de acordo com o pensamento regional o futuro da criança sendo decidido pelos pais.

E vai ser nessa forma de relacionamento dos pais com o umbigo dos filhos que temos mais uma particularidade do nosso memorialista, pois ao invés de praticar o enterramento o mesmo guarda até hoje os umbigos de todos os seus filhos em casa em um potinho.

08. Considerações finais:

Daniel Severiano é um personagem curioso é por meio do estudo de sua vida podemos perceber como era a mentalidade de uma época, seus usos, seus saberes suas táticas de contornar as dificuldade, sua história é uma história de superação de dificuldades e de caridade para com as pessoas que ele fez o atendimento por ocasião dos partos ele é o retrato do outro homem sertanejo que muito além da violência e ignorância escolhe como ele mesmo disse fazer a caridade.

09. Notas:

** Autor: Ivo Fernandes, graduando em História pela UEPB, e pesquisador pelo CNPQ, <http://lattes.cnpq.br/2067839557975139>. E-mail: Historivo@hotmail.com

1. Depoimento concedido ao autor em 18 de setembro de 2016, pelo senhor Daniel Araújo Severiano.
2. <http://www.ibge.gov.br/home/>;
3. SILVA, Josinaldo Gomes da. **Salgadinho-PB, 50 anos de emancipação política: memórias e cotidianos**. Campina Grande: Livro ainda não publicado, 2012.
4. FREIRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. 51 Ed- São Paulo: Global, 2006, p. 209.
5. Depoimento concedido ao autor em 06 de maio de 2016 pela senhora Iracema Pereira dos Santos.
6. Depoimento concedido ao autor em 11 de dezembro de 2016 pela senhora Esmeraldina de Souza Nobrega.
7. *Op. Cit* p. 407.
8. Depoimento concedido ao autor em 29 de novembro de 2016 pela senhora Iracema Olindina de Jesus.

Referências bibliográficas:

BIBLIA. Português. **Antigo Testamento**. Trad. João Ferreira de Almeida. Brasília: CPAD, 2010.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes; (Orgs.). **Usos e abusos da História oral**. Ed. 8. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 22. Ed. Petrópoles, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

FREIRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. 51 Ed- São Paulo: Global, 2006.

DEL PRIORE, Mery; PINKY, Carla Bassanesi (Orgs.), **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

JESUS, Iracema Olindina de. Salgadinho, 04 de jun. 2016, (Entrevista Inédita).

NOBREGA, Esmeraldina de Souza. Salgadinho, 30 de jun. 2016, (Entrevista Inédita).

SANTOS, Iracema Pereira dos. Salgadinho, 06 de jun. 2016, (Entrevista Inédita).

SEVERIANO, Daniel Araújo. Salgadinho, 18 de set. 2016. (Entrevista Inédita).

SILVA, Josinaldo Gomes da, **Salgadinho-PB, 50 anos de emancipação política: memórias e cotidianos**. Campina Grande: Livro ainda não publicado, 2012.